



The Jazz Scene

Eric Hobsbawm

Download now

Read Online ➞

The Jazz Scene

Eric Hobsbawm

The Jazz Scene Eric Hobsbawm

From one of England's leading historians, a classic work on jazz history. Eric Hobsbawm has turned his keen eye and sharp wit to this uniquely American form of music to give the reader a completely original point of view. This book sweeps the reader along from the steamy sidewalks of New Orleans to the smoke-filled clubs of New York, an odyssey that along the way discusses the prehistory of jazz, its expansion, its most celebrated musicians, and their instruments. This edition also includes twenty-three pieces that have never appeared in book form—concert reviews, record reviews, and essays from "The New Statesman" and "The New York Review of Books" on such legendary jazz figures as Ray Charles, Thelonius Monk, Mahalia Jackson, Duke Ellington, and Count Basie. As Hobsbawm has put it, "The Jazz Scene" is 'one person's reaction to sixty years' experience of jazz.'

The Jazz Scene Details

Date : Published January 11th 1993 by Pantheon (first published 1959)

ISBN : 9780679406334

Author : Eric Hobsbawm

Format : Hardcover 392 pages

Genre : Music, History, Jazz, Social Science



[Download The Jazz Scene ...pdf](#)



[Read Online The Jazz Scene ...pdf](#)

Download and Read Free Online The Jazz Scene Eric Hobsbawm

From Reader Review The Jazz Scene for online ebook

Mauro Kleber says

Embora interessante, o livro sofre um pouco por ter sido escrito há quase 30 anos (a última revisão é de 1989). Também é difícil para quem não tem familiaridade com o jazz. A leitura é árdua e mais para a visão de um historiador do que de um conhecedor de música.

Theophilo Pinto says

Hobsbawm é muito mais conhecido pelos livros sobre o século XX como um todo, como A Era dos Extremos e outros com nomes mais ou menos parecidos. Sobre música, pouca gente lembra dele. Mas, mesmo assim, ele escreveu um livro do qual não parece ter se orgulhado muito no início, pois usou como nome de autor um tal de “Francis Newton”. Aparentemente, sua fama maior como historiador ajudou a alavancar as vendas do livro, pois ele o relançou depois com seu verdadeiro nome e esta foi a edição que serviu de base para a que foi traduzida para o português, em 1989 (que foi a que eu li, mas que tem uma outra reedição mais recente).

Se alguém fosse estudar a história do jazz deveria ler este livro? Talvez a pergunta fosse mais adequada tirando-se o “se” e colocando em seu lugar o “quando”. Se o que se busca é algo mais próximo da ‘verdade oficial’, isto é, a origem do jazz em New Orleans, a sua difusão depois que os prostíbulos lá foram fechados até se chegar a algum momento do meio século XX, honestamente, há livros escritos com mais engajamento do que esse. Em outras palavras, Hobsbawm não irá satisfazer aqueles que querem saber sobre “as raízes do verdadeiro jazz” ou coisa assim. Como historiador, ele justamente irá falar dessas histórias para poder discuti-las num âmbito maior, e é nisso que o livro é realmente interessante.

Hobsbawm tenta ser didático para quem está interessado nisso: Capítulos mostram como reconhecer o jazz, sua história desde 1900 até o Bebop da década de 1940, os vários estilos conhecidos como ragtime, Chicago, cool e outros. Também comenta alguns instrumentos e instrumentistas e alguns discos, dizendo inclusive que o bom jazz ‘é como a comida feita por um bom cozinheiro, que não é julgado pelo que fez, mas pelo que pode fazer’. Mas a sua discussão sobre a significação histórica do jazz é a que me impressionou mais.

Dois momentos do livro me chamaram mais a atenção. Um deles tem a ver com a postura do músico de jazz dos anos 1930-40 confrontado com um gênero mais *pop* (chamado de *sweet*, o som das big bands). Hobsbawm mostra de modo muito articulado como aqueles problemas não estavam, digamos, nadando num ‘vácuo estético’, preocupados apenas com as ‘blue notes’ e as escalas e modos mais sofisticados. Ser branco, ter comprometimento com uma performance virtuosística, ganhar dinheiro e respeito eram fatores que estão sempre andando junto com questões mais puramente musicais. Obviamente, isso não é um privilégio dessa música ou desse momento, mas é ótimo ver como Hobsbawm conseguiu colocar algumas dessas questões de modo tão bem concatenado.

O outro momento é a ótima descrição que ele faz do renascimento do estilo Dixieland, que ele descreve como “guerra civil ideológica entre puristas e impuristas, vencida pelos puristas”. Num momento em que bandas como a de Benny Goodman, Glenn Miller e outros (brancos) ganharam sucesso de público, os críticos viram isso como uma “corrupção” do “verdadeiro” jazz e tentaram reavivá-lo, estimulando a volta de um jeito antigo de se tocar. Bom para alguns velhos jazzistas que, no fim da vida, puderam ganhar algum tocando uma música que conheciam bem!

Fora do livro, digo uma coisa interessante sobre isso aqui no Brasil: alguns críticos como Lúcio Rangel, José Sanz e até Dorival Caymmi se colocaram contra o bebop, um jazz muito ‘cerebral’ ou comercial, como escreveram na Revista da Música Popular (que tem uma ótima reedição em um único volume pela Funarte), afinando-se com uma crítica estrangeira que também não apreciava muito essas “inovações” dos anos 40. Enfim, o jazz, o choro e mesmo o punk têm essa característica em comum: são gêneros musicais que têm “guardiões” que alertam quando a música está “evoluindo” demais, arriscando-se perder numa diluição pop!

Eduardo Correa says

FANTASTIC!
